

Resenha



A modernidade como aceleração

Modernity as acceleration

Patrícia da Silva Santos¹
patricia215@gmail.com

Adson Patrik Nogueira Barbosa²
patriknogueira11@gmail.com

Resenha de ROSA, Hartmut. *Aceleração. A transformação das estruturas temporais da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 2019, 681 p.

E se a modernidade, para além dos processos de separação entre indivíduos e meios de produção, de racionalização, de diferenciação social e de individualização, pudesse ser contemplada a partir de uma outra dimensão atravessadora? Constituiriam as transformações em estruturas temporais também uma dessas tintas inerentes ao moderno, que colorem todas as suas instâncias?

Em seu livro *Aceleração: A transformação das estruturas temporais da modernidade* (2019), o pensador alemão Hartmut Rosa propõe uma resposta positiva a tais questões, investigando como as promessas de apropriação humana do tempo por meio de avanços técnicos, científicos e institucionais malograram, resultando no seu oposto. Nisso, o autor expõe uma interpretação ousada acerca da modernidade, dialogando com diferentes tradições teóricas (clássicas e contemporâneas), desembocando no diagnóstico da aceleração como elemento central. O leitor brasileiro já tinha acesso em língua nativa a uma síntese da teoria da aceleração por meio de artigo publicado em uma coletânea (ROSA, 2016), mas o livro mais recentemente traduzido apresenta aspectos e interlocuções teóricas muito mais abrangentes.

Embora o tempo represente uma categoria-chave para se entender o mundo social, Rosa argumenta que é como se a sociologia "não soubesse muito bem o que fazer com esse conhecimento" (p. 1). Sua proposta busca tomar esse eixo como fundante, ao defender que "uma sociedade é moderna somente quando consegue se estabilizar dinamicamente" (p. XI), ou seja, é a própria capacidade de tornar estável e contínua a aceleração de processos sociais que definiria a modernidade. Paradoxalmente, portanto, as sociedades modernas *somente* se estabilizam por meio da dinamização. Para apresentar os passos desse desenvolvimento, o livro divide-se em quatro partes: a primeira concentra-se nas categorias utilizadas para sustentar a teoria da aceleração social; a segunda debruça-se sobre a efetuação e as formas da aceleração social; a terceira aborda as causas e a quarta, as consequências. Além disso, há um prefácio especial para a edição brasileira³, o prefácio original, introdução e conclusão. Inicialmente, talvez seja pertinente delinear alguns passos da trajetória seguida pelo autor para podermos problematizar algumas questões.

¹ Professora de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (UFPA), doutora em Sociologia (USP), mestre em Sociologia (USP), graduada em Ciências Sociais (Unicamp).

² Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (UFPA), graduado em Ciências Sociais (UFPA).

³ A edição original do livro em pauta data de 2005. Nesse meio tempo, o autor seguiu inquirindo a questão da aceleração, destacando suas relações com a alienação e procurando confrontar esta última com o conceito de ressonância. O prefácio acrescido à edição brasileira parece ser uma tentativa de dar conta desses desdobramentos. Porém, a forma como o conceito de ressonância é nele apresentada, apontando para uma "saída" das patologias do moderno, soa um tanto rápida diante do diagnóstico complexo e sombrio da aceleração social.

Na introdução, Rosa deixa clara sua pretensão de "reconceitualizar" a teoria social a partir da dimensão temporal. Para ele, o conceito de tempo serviria como um ponto crucial de conexão entre agência e estrutura. Nesse sentido, as percepções individuais do tempo e os constrangimentos estruturais estariam definitivamente interrelacionados. O conceito tempo também serviria para convergir dois diagnósticos da época moderna aparentemente opostos: o da dinamização total de todas as relações sociais e o do "simultâneo enrijecimento de todo desenvolvimento" (p. 43). Esse paradoxo deve-se à perspectiva de que toda a aceleração social não conduz a formações sociais mais emancipatórias, nem permite a escalada individual para fora da "carapaça de aço" descrita por Max Weber – ao contrário, o próprio processo aceleratório reforça essa carapaça e converte-se em fim em si mesmo.

A parte I do livro busca indicar como a aceleração aparece como categoria central para a caracterização da modernidade recorrendo a distintos pensadores: desde a constatação clássica da tradição marxista de que "tudo o que é sólido desmancha no ar" pela ação da burguesia até as imagens do caráter efêmero e fugidio da modernidade presentes na poesia de Baudelaire, passando pela crítica de Nietzsche à aceleração e volatilização de todos os fundamentos como marca da cultura moderna, entre muitas outras reflexões. Para Rosa, a aceleração seria uma categoria transversal, que atravessaria as dimensões do moderno destacadas pelos clássicos da sociologia (Marx, Weber, Simmel e Durkheim), a saber: domesticação da natureza, racionalização, individualização e diferenciação – portanto, na esteira de outros autores da teoria social contemporânea, o livro também é uma tentativa de síntese das tradições clássicas. A aceleração lograria essa transversalidade porque é, simultaneamente, uma aceleração dos meios técnicos – dos meios de comunicação, de transporte e de produção –, da mudança social e do ritmo de vida. O desenvolvimento técnico não deveria resultar em mais tempo livre para os indivíduos? A resposta é negativa porque a aceleração é acompanhada de uma intensificação, de um aumento quantitativo de tudo aquilo que é transportado, produzido ou comunicado na nossa sociedade.

As dimensões da aceleração distinguidas por Rosa (a aceleração da técnica, da mudança social e do ritmo da vida) reforçam-se mutuamente. Assim, não só os meios técnicos se desenvolvem cada vez mais rapidamente, também os processos e valores sociais são alterados com mais velocidade, contraindo o presente; além disso, no polo das agências, a dinâmica da vida subjetiva obedece a um ritmo cada vez mais acelerado. O autor defende que há, por outro lado, mecanismos de inércia, que agem como desaceleradores desse processo, dentre os quais destacam-se os limites antropológicos, biológicos e geofísicos – aqui são incluídas menções aos limites da natureza.

Na segunda parte do livro, os efeitos e as formas de manifestação de cada uma das três dimensões da aceleração são abordados. Sempre dispondo de extenso diálogo intelectual, Rosa indica como a aceleração da técnica promove uma revolução no regime espaçotemporal ao alterar radicalmente o modo

como mercadorias são produzidas, como a comunicação é efetivada e como pessoas e coisas são transportadas. Internet e globalização entram nessa discussão. No âmbito da aceleração da mudança social, são abordadas as compressões temporais ocorridas em relacionamentos amorosos ou atuações profissionais, por exemplo, de modo que a instabilidade se torna um componente central e as contingências aumentam. É no âmbito da aceleração do ritmo da vida que os paradoxos das duas formas anteriores de aceleração se apresentam de maneira mais subjetiva. Os prognósticos de maior tempo livre proporcionado pela técnica não se realizaram, as ações individuais precisaram sincronizar-se ao ritmo objetivo, mesmo as atividades de lazer precisam ser cumpridas de acordo com o ritmo veloz das máquinas, do transporte, dos meios de comunicação. O "medo constante de perder oportunidades" e a "compulsão à adaptação" são as duas motivações para a percepção da pressão temporal, conforme Rosa (p. 268). Já o declínio da experiência é identificado, na esteira de Walter Benjamin e Georg Simmel, como um componente desse ritmo acelerado da vida: as vivências não deixam rastros, memórias, não se integram às identidades individuais, pois obedecem a uma temporalidade acelerada, alheia aos fluxos subjetivos. Como dizia Simmel a respeito das grandes cidades (SIMMEL, 2005), o esquema temporal suprassubjetivo que ordena as atividades e relações mútuas suscita o caráter *blasé* e rebaixa o indivíduo a uma *quantité négligeable*.

A parte III identifica a aceleração como um processo autopropulsor, no qual as três áreas de aceleração (técnica, de mudança social e do ritmo da vida) interagem de modo circular, reforçando-se mutuamente. Ao longo da sua exposição, Rosa vale-se constantemente de exemplos cotidianos para ilustrar sua teoria. Nesse sentido, busca indicar como o desenvolvimento de meios técnicos, a exemplo de celulares ou automóveis, busca responder à deficiência de recursos temporais: "Quanto maior for a carência de tempo, tanto mais intenso será o clamor por um trânsito mais rápido, computadores mais eficientes e tempos de espera menores" (p. 303). Porém, esses desenvolvimentos acabam por acelerar a mudança social, na medida em que possibilitam outras formas de ocupar o espaço e o tempo, comprimindo o presente. Consequentemente, o ritmo da vida precisa ser adaptado para sincronizar-se ao ritmo do mundo – dessa maneira, fecha-se o círculo aceleratório.

Além disso, Rosa indica que a aceleração também se atrela a uma dinâmica de crescimento quantitativo "de unidades transportadas, comunicadas, produzidas, ou, ainda, de ações e vivências" (p. 319). Nesse sentido, há motores externos que propulsionam o círculo aceleratório: o econômico (explicitado na ideia de que tempo é dinheiro), o cultural (que aparece sob a forma de promessas provenientes da aceleração, como a riqueza, a possibilidade de deixar uma obra, o ideal de formação) e o socioestrutural (que se refere à diferenciação funcional na modernidade).

Já a parte IV se concentra em verificar as consequências da aceleração social, inquirindo mais detidamente os desdobramentos da modernidade tardia. As temáticas da globalização, do

"amolecimento" das instituições e da maior compressão espaço temporal são analisadas. Também há uma preocupação em identificar as consequências da aceleração para a identidade social: a aceleração contemporânea obrigaria as pessoas a atuarem como hamsters dentro de rodas que giram cada vez mais rapidamente. Na modernidade tardia, especificamente, "as possibilidades de escolha e as formas de diferenciação" (p. 466) aumentam vertiginosamente, tanto no que se refere a profissão, família, religião, moradia, como no que tange a nacionalidade, sexualidade e gênero, incluindo elementos mais cotidianos (como companhias de telefone, por exemplo). Tais alterações desembocam no que Rosa denomina "identidade situacional", que é marcada pela contingência e pela carência de futuro. Essa ausência de horizontes – própria a um contexto em que não se acelera mais para chegar a algum lugar, mas simplesmente porque há a obrigação de acelerar – provoca uma cisão entre sujeito e experiência, levando ao aumento de casos de problemas psicológicos. De um ponto de vista mais abrangente, ocorre um descompasso entre a política e a ordem acelerada do mundo, de modo que se dissemina uma ampla desintegração social.

Por meio dessa discussão ampla acerca das transformações das estruturas temporais, Rosa articula a perspectiva de uma redefinição da modernidade que encerra, paradoxalmente, aceleração e enrijecimento. A imagem distópica utilizada é a de uma paralisia frenética. Mobilizando uma reflexão presente na teoria clássica alemã a respeito do capitalismo e da racionalidade, poderíamos pensar em uma sociedade moderna na qual a aceleração tornou-se um fim em si mesmo.

Como se vê pela descrição sucinta das partes do livro, Rosa busca construir sua teoria da aceleração de maneira bastante sistemática, de forma a tentar englobar a modernidade como um todo, mas também destacando e sublinhando aspectos surgidos e/ou reforçados na modernidade tardia. Uma questão que podemos levantar é acerca da necessidade de se lançar uma explicação que tome especificamente o fio condutor da aceleração para explicar o mundo moderno – a compreensão clássica pautada no capitalismo e sua racionalidade inerente não incorporariam também o âmbito temporal? As transformações nas estruturas temporais da modernidade não estariam já presentes, por exemplo, na perspectiva marxista de que "o revolucionamento contínuo da produção" é próprio da "época burguesa", que revoluciona incessantemente "todas as relações fixas e enfiadas" (MARX & ENGELS, 1998, p. 10-11)?

Embora reconheça que o "processo de aumento D-M-D' torna-se o sujeito (dinâmico) da história" (ROSA, p. XVII), Rosa busca reconstruir esse desenvolvimento não prioritariamente a partir do movimento do capital, mas sim a partir da própria aceleração. Nisso, ele também renuncia, em parte, a uma dimensão central da tese marxista: aquela que sublinha as relações sociais como cruciais para a compreensão do movimento histórico. Dito de outro modo: ainda que mencione, aqui e ali, as "massas excluídas" da aceleração, Rosa não delinea efetivamente os papéis específicos exercidos pelos diferentes grupos (classes!) sociais nessa dinâmica aceleratória. Considerando-se a tradição teórica

na qual o autor se insere (algo reafirmado ao longo de todo o livro), trata-se de um déficit importante, pois no âmbito da teoria crítica as formas e conflitos tomados pelas relações sociais são elemento-chave. Vale mencionar que no próprio estilo de escrita de Rosa aparece essa dimensão uniformizadora: o autor recorre muito à primeira pessoa do plural para indicar os efeitos da aceleração sobre os indivíduos, como se eles fossem universais e não atravessados por assimetrias. Nesse último sentido, embora alegue que sua reflexão possa ser situada no âmbito das "modernidades múltiplas" (pois unificaria a diversidade das experiências modernas, englobando centro e periferia mundiais), fica evidenciado que é a experiência europeia, menos marcada por desigualdades abissais em comparação com as sociedades pós-coloniais – inclusive no âmbito das estruturas temporais – que informa os postulados de Rosa.

De todo modo, ainda que se possa questionar o escopo do empreendimento de reinterpretar o moderno, como um todo, primordialmente a partir de estruturas temporais, segue relevante a contribuição do autor para uma compreensão de processos de aceleração, especialmente quando se tem em mente a escalada mais contemporânea. Se a aceleração teve um impulso originário no capital, ela assumiu uma dinamização gigantesca na modernidade tardia. Aqui o autor nem sempre indica o quanto essa aceleração em tempos de neoliberalismo também está a serviço do capital – embora a ideia de constante aumento/crescimento/escalada [*Steigerung*] sugira isso, a tentativa de reinterpretar o moderno via perspectiva da aceleração eclipsa parcialmente tal associação. De qualquer forma, Rosa foca de uma maneira muito instigante a importância da aceleração técnica nas sociedades contemporâneas. Nisso, logra indicar como meios de comunicação ultramodernos, técnicas de transporte cada vez mais rápidas e meios de produção altamente acelerados afetam a sociabilidade contemporânea e erodem as formas humanas de estar no mundo e acumular experiências. Para o autor, tudo isso desemboca no fim dos horizontes de expectativa culturais, políticas e econômicas que orientaram o desenvolvimento da modernidade, tanto porque se promove uma avassaladora desintegração social, como porque há uma usurpação da autonomia individual pela dinâmica acelerada da vida.

Além disso, a forma como procura articular agência e estrutura em sua discussão sobre aceleração também é digna de nota. Os grandiosos mecanismos de aceleração da técnica, da comunicação e da produção contemporânea atualizam-se nas práticas cotidianas, nas quais é possível notar que aceleração e declínio da memória andam juntas, que o sucesso possível em um mundo dominado pela técnica nem sempre resulta em experiências enriquecedoras, que a pressa e a tentativa de cumprir prazos levam, muitas vezes, ao colapso nervoso (a síndrome de *burnout*, por exemplo, sugere que muitas vezes é o próprio corpo que impõe os limites à compulsão à adaptação aos processos acelerados do cotidiano hodierno).

Diante do diagnóstico apresentado por Hartmut Rosa, a imagem benjaminiana da revolução como o acionamento do freio de emergência pela humanidade que viaja no trem da his-

tória (BENJAMIN, 1980, p. 1232) aparece como utopia urgente face ao progresso imparável do mundo moderno. Enquanto ela está interdita, vale a pena a pausa individual para a dedicação de algumas horas à leitura dos argumentos expostos no extenso (mas relevante) livro *Aceleração: A transformação das estruturas temporais da modernidade*.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. 1980. *Gesammelte Schriften*, vol. I. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1275 p.
MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. 1998. Manifesto do Partido Comunista

[1848]. *Estudos avançados*, v. 12, n. 34, Dez, p. 7-46.

DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141998000300002>.

ROSA, Hartmut. 2016. "O universal sob o múltiplo: aceleração social como chave de compreensão da modernidade" [2007]. In: CAMPELLO, Filipe e GITTEL, Benjamin (orgs.). *Modernizações ambivalentes: perspectivas interdisciplinares e transnacionais*. Recife: Editora UFPE, p. 77-113.

SIMMEL, Georg. 2005. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). *Mana*, vol. 11, n. 2, Out, p. 577-591.

DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>.

Submetido: 29/12/2020

Aceite: 18/03/2021